

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 11 | Nº 33 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.7059315>



REVISITANDO A OBRA “O AVESSE DA PELE”

Edinei Pereira da Silva¹

Resumo

O escopo do presente trabalho consiste na apresentação da resenha do livro “O avesso da pele”, publicado em 2020, e ganhador do prêmio Jabuti de literatura. Nessa obra, o literato Jeferson Tenório nos conta a história do racismo no Brasil, mais precisamente de Henrique, que foi barbaramente assassinado pela polícia numa abordagem desastrosa.

Palavras-chave: Avesse da pele. Jeferson Tenório. Racismo.

Abstract

The scope of the present work consists on a book review of “*Inverse Skin*”, published in 2020, and winner of the Jabuti literature prize. In this book, the author Jeferson Tenório tells us the history of racism in Brazil, more precisely of Henrique, who was barbarously murdered by the police in a disastrous approach.

Keywords: Inverse Skin. Jefferson Tenório. Racism.

O livro “*O Avesse da Pele*”, do literato Jeferson Tenório, versa sobre uma multiplicidade de temas de grande importância, que estão na ordem do dia para refletirmos a atualidade, embora a narrativa tenha ganhado maior notoriedade pela questão do racismo, que de certa maneira alcança e domina a amplitude durante todo o trajeto narrativo, posto como pano de fundo durante a constituição das páginas. Por vários motivos o autor soube capturar as sensibilidades dos muitos personagens. A maneira como desenvolve e nos apresenta as pessoas que se conectam a um cotidiano comum ao universo de quem lê, e muitas vezes se identifica com os constructos performáticos daqueles sujeitos.

Durante o percurso das linhas que se entrelaçam de maneira bem clara e detalhada, às vezes nos leva a pensar que alguma coisa ali tivera acontecido com o criador da obra, em algum momento de sua vida.

Jeferson Tenório é oriundo do Rio de Janeiro e radicado em Porto Alegre, onde construiu sua carreira como acadêmico. É doutor em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Entre os livros que compõe o rol de leituras tidas como referência para seu pensamento criativo, crítico e aguçado está “*Quarto de Despejo: diário de uma favelada*”, de Carolina Maria de Jesus. Em 2013 lançou seu primeiro romance, intitulado “*O Beijo na Parede*”, publicado pela Editora Sulina. Logo após, publica “*Estrela sem Deus*”, pela editora Zouk. Por certos seus escritos vêm ganhando espaço e presenteiam os amantes da literatura contemporânea, sobretudo com seu último livro

¹ Mestrado em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Especialista em História, Sociedade e Cultura pela mesma instituição. E-mail: edineipereira29@yahoo.com.br



“*O Avesso da pele*”, ganhador do prêmio Jabuti em 2021, aqui objeto de análise para o presente trabalho.

O livro ora apresentado é dividido em quatro partes. A saber: A pele, O avesso, De volta a São Petersburgo e A barca. Cada seção, entretanto, possui suas subdivisões, que são distribuídos ao longo de suas 189 páginas. A capa da obra já nos leva a refletir acerca dos elementos ali postos: uma janela reflete na parede uma luz externa, assim como sobre as costas de um homem negro, que posicionado em uma tábua, aparentemente um trampolim, onde as mãos estão juntas em forma de reza, ou súplica. A narração é nos apresentada em primeira pessoa. Quem o faz é Pedro, que descreve a trajetória de seu pai Henrique.

O enredo se passa no Sul do Brasil, mais precisamente em Porto Alegre. Ao longo do livro o autor nos situa acerca das convivências daquele lugar. Já nas primeiras linhas podemos perceber que todas as lembranças continuam vivas, de maneira que o percurso de sua memória não deixa escapar os detalhes pelos labirintos do pensamento. Contudo, é de se notar que há nessa construção uma série de elementos atrelados ao sentido psicológico, que nos conduz a conhecer não apenas as relações sociais, e seu sentido sociológico, mas também a maneira como cada sujeito pensa, e de certa maneira são moldados pelas intersecções daquela organicidade.

Na primeira parte da obra, intitulada “*A pele*”, Tenório nos apresenta um momento que para Pedro é o final: como numa espécie de elucidação dos fatos. As observações feitas sobre os objetos que ali se encontram nos fazem imaginar o que viria pela frente. Entretanto, como num alinhavar das linhas, passamos a acompanhar os passos de seu pai. Esse caminhar, justificado pelas justaposições de uma série de acontecimentos, consiste na apresentação de sua vida desde os tempos de outrora, de maneira que aos poucos surgem os personagens, além dos momentos bons (como os namoros) bem como os traumáticos (como o racismo escancarado).

As reminiscências, o típico pensamento que alimenta as memórias inquietantes, enraízam a construção dessa trajetória. No livro, é nos contado um percurso por meio das ações de homens e mulheres, assim como dos objetos. Como podemos perceber no início: “[...] *há nos objetos memórias de você [...]*” (TENÓRIO, 2020, p. 13). Para o leitor mais atento, a reconstrução desse pensamento, assim como a resistência para o não apagamento das lembranças, perdura a cada parágrafo. São representações suscitadas, além dos objetos, pelo gosto musical (quando fala do grupo de Rap Racionais MC’s), quando cita nas aulas autores como Carlos Drummond de Andrade, Dostoiévski, Kafka. Percebe-se que para Henrique uma mochila com alguns desses livros, ou frases prontas dos mencionados pensadores, significam maneiras de forjar determinadas situações, como as intensas, repetidas e violentas



abordagens policiais. Entende-se a violência aqui como sua manifestação mais ampla e perversa possível, como: física, simbólica e moral.

Na medida em que os fatos se desenrolam, os modos de intersecção de uma multiplicidade de temas podem ser encontrados em alguma parte do livro. Cada palavra, cada movimento e gosto do personagem, além de suas relações amorosas nos contam sobre uma determinada situação, de um tecido social tenso, frágil, mas imprescindível para entendermos a complexidade das vivências ali dinamizadas.

E essas vivências tensas podem ser notadas no seguinte trecho:

[...] Quando você sai da escola, tem a sensação de que fracassou novamente com os alunos. O menino que vomitou em você ficou bem. Mas você não. Ir para casa é uma das poucas coisas que te dão prazer ultimamente. Você deixou de ir ao terreiro da Mãe Tereza de Iemanjá. Primeiro, a desculpa foi a falta de tempo, depois você se acomodou, e a única coisa que você preservava de sua fé era o seu Ogum, simbolizado num ocutá, que você punha atrás da porta. Ao chegar, abre a geladeira e lá dentro não há nada além de uma garrafa de água [...] (TENÓRIO, 2020, p. 24).

Somente nesse trecho é descrito uma série de pontos para entendermos a obra: a religiosidade, a desigualdade social, o problema da educação. A escola é posta como o reflexo de um mundo fragmentado. Pode ser a baliza para refletirmos sobre outros vértices. Pedro nos coloca nessa universalidade de problemas. A desigualdade social descrita quando menciona a “*geladeira vazia*”, se estende para o que compreendemos como a desvalorização do sistema educacional direcionado para as classes menos favorecidas.

Enquanto à sua religião, nos faz pensar sobre a intolerância religiosa, tão em voga no contexto atual. Jeferson Tenório nos provoca a todo o momento, pois reúne alguns elementos para descrever seu personagem, o que reconhece e impõe as barreiras erigidas num Brasil altamente paradoxal: homem negro, professor, pobre, adepto de uma religião de matriz africana.

As personagens de alguma maneira reúnem as características de pessoas comuns do nosso cotidiano. Com isso, as afetividades que cada um carrega, e suas peculiaridades também estabelecem essas teias de acontecimentos de igual maneira vividas por muitos. Como exemplo, podemos citar as relações conturbadas.

Tenório potencializa através de Pedro uma narração límpida e provocativa. Enquanto às relações de seus pais, conclui-se que foi constituída em torno de tensões, brigas, até mesmo de terapia, para apaziguar não apenas os atritos e desgastes do casamento, como também sobreviver diante de uma sociedade voraz.

O livro também aborda o tema da branquitude, mesmo que de uma maneira não muito explícito, que é perceptível por intermédio de sustentações de outros sujeitos, e validado pelo racismo estrutural, e



dos privilégios de pessoas brancas. O autor nos conduz pelos becos das memórias suscitadas pela reconstrução de Pedro. Para tanto, alguns momentos são sucessivamente recriados.

Ainda sobre a branquitude, em um desses episódios, Henrique, como de costume, encontra-se no ônibus, mas diante de uma blitz, é obrigado a descer, sob a mira de uma arma e o olhar desconfiado de um policial, para mais uma abordagem. Apenas um homem branco permanece, e não desce do coletivo. Esse fato foi chancelado pelo poder do Estado. O corpo branco é resguardado e poupado das intempéries daquele momento. As abordagens são direcionadas para os corpos pretos.

Ao ler o livro, é impossível não fazer um paralelo com o que acontece cotidianamente nas periferias do Brasil. Nesse caso, como nos guia a narrativa construída pelo autor, o Estado é personificado pela ação policial, pelas instituições que segregam, pelas pessoas que legitima uma ordem perversa. Nesse caso, o gatilho sob a tutela dessas intervenções assentada na barbárie genocida, mataria Henrique. Os corpos negros numa sociedade anômica e racista, assim como no livro “*O Averso da Pele*”, são alvos fáceis de abordagens desastrosas, mas calculadas e direcionadas.

A certa altura, uma voz nos direciona para alguns pontos fulcrais, é de um jovem negro, que num desabafo após a morte de seu professor, diz:

[...] E não tenho como medir tudo que ele fez por mim, tudo que ele fez por inúmeros alunos, tudo que ele me ensinou. Estou arrependido de não ter dito isso a ele. Quero dizer também que o professor Henrique Nunes não morreu por mera circunstância da vida, morreu porque era alvo de uma política de Estado. Uma política que persegue e mata homens negros e mulheres negras há séculos [...] (TENÓRIO, 2020, p. 180).

Nesse livro, as falas e gestos das pessoas que costuram uma narrativa assentada na barbárie, pode muito bem ser transportada para nossa realidade. A voz do aluno é a voz de tantas outras pessoas que passam por isso cotidianamente. Sua fala simboliza momentos da história que precisam ser lembrados. E as consequências da escravidão e do racismo sejam superadas.

Por fim, mais uma vez Pedro adentra o quarto de seu pai, observa os objetos ali deixados, seu guarda-roupa, suas roupas, e profere as últimas palavras do livro, mas que nos envolve, e nos aprofunda em mais reflexões acerca de uma sociedade onde ressignificações do racismo persistem, assim como a luta que devemos travar contra ele dia após dia. Diante do mundo distópico no qual vivemos, aquele trecho soa como um prognóstico. Dessa maneira, ele diz: “*Tenho Ogum em minhas mãos porque agora é a minha vez*”.

REFERÊNCIA

TENÓRIO, J. *O Averso da Pele*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2020, 192 p.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 11 | Nº 33 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima